

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça de S. Thiago

Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHICO

Propriedade da Empresa

DOS

Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

A União Iberica

Em solemne e primoroso artigo, tão profundo no conceito como brilhante na forma, se occupa o nosso presado e illustre collega o «Dia» das pretensões de certa imprensa hespanhola que, porque lhe parece que este desgraçado paiz não tem dono, acha conveniente apropriar-se do *balδιο*.

Não é o snr. Moreira d'Almeida, o insigne jornalista que dirige o órgão por excellencia da opinião monarchica, e dos patriotas portuguezes, homem para meias palavras; a sua fina penna, gravou em traços bem firmes e bem nitidos, o sentir e o pensar da Nação portugueza; não visamos pois, ao escrever este artigo, a esclarecer pontos oscuros, mas tão sómente a confirmar as suas honradas palavras, quando nobremente repelle as affirmações, ou antes, os tentadores convites que nos faz a nós, os portuguezes, para trocarmos a miseria da nossa condição, de pobre e pequeno paiz arruinado, pela prosperidade e pela honra que nos traria a nossa incorporação na monarchia hespanhola.

Diz o illustre articulista:

Pois creia o jornal madrileno que el hombre observador que viaje un poco por el pais lusitano, logo reconhecce que todos os portuguezes, sem distincção de opiniões politicas, tem tanto amor á sua independencia, que foi conquistada, palmo a palmo, numa epopeia de heroismo em que Afonso Henriques escreveu, no seculo XII, as primeiras paginas, que não haveria hoje, apesar da profunda separação em que nos encontramos, uma só hesitação aqui no sacrificio da vida se alguém entrasse em terras de Portugal para conquistá-las. El hombre observador teria fallido deploravelmente na sua observação se do que visse em Portugal tirasse a conclusão a que erradamente chega La Tribuna.

Sim, tem bem razão o snr. Moreira d'Almeida: voluntariamente nenhum portuguez, nem mesmo esses filhos ingratos que uma mal entendida e mal intencionada democracia gerou em seu seio corrupto, atiraria pela borda fóra essa bagagem pezada, mas valiosa, de oito seculos de gloria, ainda mesmo quando visse que a Patria se precipitava no abismo. Cremos firmemente que ainda o mais feroz jacobino preferiria deixar-se subverter agarrado ao seu thesouro de glorias, a salvar-se, privado d'elle.

E violentamente, não creio que haja alma de portuguez que não estremeça só a ideia de que o estrangeiro poderia dar ordens em sua casa.

Não deve o articulista da «Tribuna» ignorar, se é homem lido na historia, que, se a Hespanha dominou algum dia Portugal, foi isso por uma questão dynastica. Filipe 2.º reinou em Portugal porque um direito bem ou mal comprehendido, e um patriotismo pouco nitido, d'alguns portuguezes e quiça, o soborno de vultos preponderantes, lhe entregou a corôa portugueza. Mas nem assim Portugal foi riscado do livro

das nações. Nunca os Filippes deixaram de se intitular reis de Hespanha e de Portugal. Só assim a alma Portugueza se aquietou ante a fatalidade dos destinos que lhe deu um rei que não fallava a sua sonora e forte linguagem.

Mas o seu quietismo foi de pouca dura. Sessenta annos nada são na vida de um povo. Breve despertou d'esse somno criminoso e, ao despertar, notou que estava preso, com cadeias suaves sim, mas em todo o caso fortes cadeias, que elle quebrou... espreguiçando-se.

Ora hoje, que os reis são dos povos, e não os povos dos reis, não haveria questão dynastica que assentasse no trono portuguez um monarcha estrangeiro, por mais illustre que elle fosse, e por maior que fosse a prosperidade e gloria que a este paiz trouxesse.

Para gloria, basta-nos a nossa longa historia de oito seculos de batalhas, de descobertas, de conquistas. E ella é tão grande, que á sombra d'ella se fez a gloria da Hespanha, seguindo na esteira dos nossos navegadores. E pelo que toca á prosperidade nacional, não creio que haja alma portugueza que não prefira ver confiscadas as suas rendas em beneficio dos cofres da aventureira demagogia, que como implacavel vampiro nos vae sugando o sangue das nossas veias, á conveniencia de ser isempta de contribuições pela magnanimidade de S. M. El-rei de todas las Españas.

E se, como diz o articulista da «Tribuna»:

«El hombre observador que viaje un poco por el pais lusitano, y se preocupe algo del problema de la Unidad Ibérica, no comprenderá, como nosotros no hemos llegado jamás á explicarnos, cuáles son las ventajas que Portugal obtiene convertido en un Estado minúsculo, pobre, arruinado, feudo y arma de Inglaterra, cuyos hombres públicos maneja el Gabinete de Londres á su antojo, para impedir que en la Peninsula Ibérica se constituya jamás una gran nacionalidad.»

O homem observador que viaje por cá, não comprehenderá essas coisas, se fór hespanhol, ou se fór um homem ignorante.

Mas, se fór imparcial e illustrado comprehenderá logo que não são só os catabineiros hespanhoes e os fiscaes portuguezes que delimitam os dois paizes; se fór realmente um observador, mas profundo, notará, se iniciat a sua viagem partindo do norte para o sul, que alguma razão, mais forte do que um simples capricho politico, estabelece a divisão das duas nacionalidades da peninsula, e notará isso logo que faça o confronto entre as fortes mas chatas gallegas e as airosas e elegantes mulheres de Caminha, entre os curtos e grossos gallegos, e os desempenados mocetões d'Affife, entre o enfadonho palavreado do gallico, e a forte e sonora lingua em que os namorados cantam, nas varzeas ou nas montanhas minhotas, os seus ingenuos amores.

E' que não foi a politica que demarcou os dois paizes, mas o esforço das duas raças que os conquistaram aos mouros, porque, só um mau observador, interesseiro ou ignorante, affirmará

que a raça portugueza é uma sub-raça de Hespanha.

Mas quando mesmo assim seja, quando esta affirmativa seja um ingenuo erro nosso, no que não poderá haver duvidas, é em que esta terra, que o esforço dos primeiros reis da monarchia portugueza conquistou a golpes de espada, foi para os portuguezes que a conquistou.

Por isso nella queremos viver prosperos ou humildes, mas livres, livres, inteiramente livres e senhores das nossas acções, muito embora arrisquemos essa liberdade e nos custe a vida e a felicidade.

O emprestimo camarario

A intervenção infeliz e inoportuna de «O republicano» á analyse que vinhamos fazendo da administração do snr. presidente da commissão executiva da camara, obrigando-nos a discutir o cidadão em prejuizo do funcionario, impediu-nos de discutirmos este; a absoluta falta de espaço obrigamos a retirar á ultima hora a apreciação do emprestimo camarario. O leitor perdoará e terá a paciencia de esperar até ao proximo numero.

Guimarães em Santo Thyurso

Resultou uma festa attrahe-tissima e das melhores e mais saudosas recordações, o passeio a Santo Thyurso, no sabbado penultimo, em que um gentil grupo de Senhoras e rapazes vimaranenses, alli fora dar um espectáculo em beneficio do cofre dos Bombeiros Voluntarios, d'aquella linda e encantadora villa, que tão hospitaleira e gentil foi para todos, o que mais veiu agravar em nós, a saudade d'aquellas fugidias horas, passadas alli, sempre cumuladas pelas gentilezas das Senhoras e dos Cavalheiros Thyrsenses, que á porfia disputavam ser agradaveis aos seus hospedes.

Não ha duvida de que o povo de Santo Thyurso é um povo amabilissimo, attencioso em extremo, de veras gentil, e d'ahi, a grande e saudosa recordação que todos os vimaranenses, seus hospedes, guardam d'aquellas horas alli passadas, horas alegres e cheias de communicativo enthusiasmo, e que as principaes familias das duas terras, em fraternal convívio, passaram alli, nessa terra onde ha raras encantadoras e gentilissimas, capazes de enamorem, só por si, as almas de poetas e apaixonarem o pincel d'artistas!

E' que de facto, Santo Thyurso, não é só linda como terra, é encantadora, é invejavel por abrigar dentro de suas amuradas um povo tão fidalgo e tão hospitaleiro.

E ás suas qualidades junta o Povo Thyrsense um charme especial, capaz de prender á sua terra os hospedes que a visitem. Um agradecimento muito sincero a todos, mas justo é que entre todas as gentilezas que nos foram dispensadas, destaquesmos as da illustre Familia Trepá, que foi realmente da mais adoravel e da mais amavel das attenções para com todos os vimaranenses.

Relatemos agora, em poucas palavras, o que foi o passeio da *tournée* artistica de Guimarães.

Sahimos d'aqui ás 5 horas, em carruagem salão, atrelada ao comboio correio.

A chuva fustigava a momentos a nossa carruagem...

Era uma nota triste que muito nos custava...

A chegada a Santo Thyurso fez-se sem novidade, apenas o comboio não voava como um aeroplano, como todos desejavam, tal a anciedade em chegar á terra fidalga e hospitaleira de Santo Thyurso, terra de encantamentos, terra de sonho, terra de ventura!...

Seis e meia...

Na gare da estação, algumas Senhoras Thyrsenses e Cavalheiros aguardavam-nos...

Trocamos cumprimentos...

E... enquanto que tomavamos as carruagens para nos dirigirmos á villa, de todos os labios vimaranenses sahiam palavras de reconhecimento...

Chovia ainda... Vertiginosamente, automoveis e carruagens, galgavam á villa...

No final da rua Sousa Trepá, os carros param...

Todos em casa da familia Trepá, que nos penhora pela amabilidade gentilissima com que nos tratou...

As Senhoras de Guimarães ficam alli, e nós partimos para a séde da Associação dos Voluntarios, onde fomos recebidos ao som do nosso hymno!

O quartel está engalanado... Recebem-nos bellamente...

E feitas as apresentações, José Trepá, rapaz intelligente e insinuante, uma bella figura de homem, saudá-nos em linguagem burilada e eloquente, em nome dos Voluntarios...

As suas palavras são ouvidas com immenso agrado...

Diz muito bem, com muito brilho e eloquencia.

Responde-lhe, em nome de nós todos, o Padre Gaspar Roriz...

Como sempre, o Padre Roriz, foi entusiasta, foi eloquente e foi feliz...

E o vimaranense, querido de nós todos, tem palavras de reconhecimento sincerissimo para com Santo Thyurso, para essa terra de inexgotavel gentileza, nunca cansada de deferencia...

Trocam-se as ultimas taças de champagne e... tudo dispersa a preparar-se para o espectáculo...

Nove e meia da noite...

O Theatro Eduardo Brazão é elegante como elegantissima é a assistencia que o compõe...

Sóbe o pano, e o povo thyrsense, juntamente com as Senhoras, saudam calorosamente a Guimarães...

Presta a seus filhos uma ovação calorosa, vehemente, entusiasta, d'essas ovações que nem o tempo conseguirá apagar...

O espectáculo segue com o programma das festas de caridade, ultimamente, aqui realizadas. Ultimos córos... chamados ao palco os artistas da famosa companhia, os ensaiadores e iniciadores.

No theatro, tudo terminado...

Todos se encaminham para o Club.

Alli espera-nos uma bem servida ceia volante...

Por attenção para com os seus hospedes, são os rapazes da melhor sociedade thyrsense que a servem...

Sempre gentis em tudo... Principia a *soirée*...

Foi uma festa encantadora...

Tudo floria, tudo sorria, sob a caricia suave de uma festa alegre e animadissima...

Duas centenas de pessoas alli accorreram, dançando-se com enthusiasmo até ás 6 e meia da manhã...

As festas do Club Thyrsense, ha muito consagradas como ponto de reunião muito distincto, em nada desmereceram da da noite de sabbado para domingo.

Foi brillantissima aquella noite...

Havia o borborinho caracteristico das reuniões onde predomina a mocidade...

Havia a alegria e o enthusiasmo proprio d'aquellas festas...

As danças rompiam cadencia-das e doces, emquanto no salão, na sua vastidão, parecia sempre ouvir-se de um lado, «fômos gentis para com os nossos visitantes» e do outro, «as Senhoras e Cavalheiros de Santo Thyurso são amabilissimos, são unicos em receber bem»...

No decorrer da *soirée* houve diversos serviços, finamente confeccionados pela Confeitaria Oliveira, do Porto.

As 8 e meia da manhã, a colonia vimaranense retirou para Guimarães, bellamente impressionada e muito agradecida por todas as gentilezas amabilissimas, com que foi recebida.

Por nossa parte mais uma vez o nosso eterno reconhecimento á linda villa de Santo Thyurso.

Thomaz Santos.

O nosso illustre collega *Semana Thyrsense*, publica hoje a noticia abaixo, que gostosamente e com a devida venia transcrevemos:

Poucas vezes se tem realizado nesta villa uma festa tão completa como a de sabbado penultimo, em que um grupo de damas e cavalheiros da melhor sociedade de Guimarães promoveu no nosso theatro uma magnifica recita em beneficio dos Bombeiros Voluntarios locais. Nada faltou a essa festa para que ella fosse verdadeiramente interessante—desde o esplendido conjunto dos diversos elementos de que se compôz até á nota vibrante de enthusiasmo que sempre se notou no decurso da sua realisação.

Santo Thyurso ficou penhoradissimo com a gentileza havida, por parte de tão distinctas pessoas, para com uma benemerita Associação local.

E da forma como se sentiu captivado foi demonstração clara a concorrência do espectáculo do penultimo sabbado, havendo a testemunhar o superior conjunto da festa em si as impressões gratissimas que de bocca em bocca têm corrido desde então, constituindo a bem dizer assumpto forçado de todas as conversas.

Quasi se não tem falado senão nessa festa encantadora, e, verdade seja, motivo ha para isso, que ella foi das que se gosam com

immenso prazer, restando-nos, depois que terminam, uma recordação que a saudade aviva a cada passo, sentindo ainda prazer em relembrar horas que tão agradáveis nos foram.

Os nossos illustres visitantes chegaram a esta villa no comboio das 6 e 18, sendo aguardados na «gare» por grande numero de pessoas, apesar da chuva que então caía com impertinencia.

Alli foram cumprimentados pelas pessoas presentes, entre as quaes se encontravam a Direcção e o Commandante dos Bombeiros, dirigindo-se depois todos os cavalheiros para a séde d'esta Associação, onde lhes foi oferecida uma taça de champagne.

Nesta altura, a convite da Direcção, usou da palavra, produzindo um caloroso discurso, o sr. José Trêpa, que apresentou aos nossos hospedes as boas vindas e agradeceu a gentileza que elles demonstraram para com o sr. vindo realizar em Santo Thyrsos uma festa de beneficio para aquella Associação.

O sr. José Trêpa fez ainda algumas referencias historicas á cidade de Guimarães e terminou dizendo que a festa que os illustres vimaranenses vinham realizar nesta villa era d'aquellas que nunca esquecem por que além de as reter o espirito cheio de encanto, conserva-as o coração cheio de gratidão.

No final do seu discurso foi o sr. José Trêpa muito felicitado pelas pessoas presentes.

Dirigindo-se ao sr. José Trêpa, o sr. Padre Gaspar Roriz, num eloquente improviso, agradeceu as palavras que o nosso director tivera para os visitantes, e fez, após algumas benevolas referencias pessoas, que muito captivaram o sr. José Trêpa, varias considerações sobre as bellezas d'esta terra, terminando por afirmar que ella bem merecedora era da sympathia de todos.

Fallaram ainda, em expressivas palavras, o sr. D. José Ferrão, Francisco Moreira da Silva e José de Pina. Todos os oradores foram calorosamente correspondidos.

A entrada dos nossos illustres visitantes naquella Associação a «Tuna 15 d'Abril» executou o hymno da cidade de Guimarães, repetindo-o sempre no final dos discursos.

E assim terminou a recepção feita nos Bombeiros aos nossos sympathicos hospedes, recepção que, sendo modesta, deu lugar a trocar-se muitas saudações sentidas que calaram fundo no animo das pessoas presentes.

Talvez seja uma faltade delicadeza da nossa parte esta afirmativa; mas se não for bem um modelo de correcção, vae na certeza de que é uma inilludível verdade: — o espectáculo em si constituiu uma grande surpresa. Não se esperava, francamente, de amadores, um desempenho tão completo, e foi precisamente por o achar magnifico, algumas vezes admiravel que o nosso publico ficou surprehendido.

Realmente quem podia suppor de um grupo de pessoas distinctas, é certo, mas em todo o caso de amadores, um desempenho tão correcto na interpretação dos differentes papeis das peças que foram levadas á scena? Foi, na verdade, uma surpresa!

O nosso publico ficou entusiasmado, e, sendo de temperamento bastante frio, fez a todos os interpretes, uma das mais calorosas ovações a que temos assistido no nosso theatro.

Muito ovacionado foi tambem o sr. D. José Ferrão a quem na maior parte se deveu a realisação d'essa linda festa aqui. Por sua vez o sr. Padre Gaspar Roriz, como ensaiador, Luiz Trêpa Ramos, dr. Joaquim Roberto, e José de Pina, foram alvos de estrondosos applausos.

Os córos, cantados por muitas

gentis damas e distinctos cavalheiros, foram ouvidos com igual agrado e applaudidos com muito enthusiasmo.

No final do espectáculo foram aquellos illustres cavalheiros chamados ao proscenio, onde algumas galantes meninas lhes entregaram lindos bouquets de flores naturaes, tendo sido já prestada igual demonstração de sympathia a todas as damas e cavalheiros que tomaram parte nas comédias levadas á scena e que, como o leitor sabe, foram a «Historia Antiga», de Guy Maupassant, e «Quem desdenha», de Pinheiro Chagas.

Não nos referimos agora ás peças por já o havermos feito em um dos nossos ultimos numeros.

No primeiro intervalo do espectáculo um grupo de galantes damas, que tomaram parte nos córos, andou pela plateia vendendo aguarellas de Joaquim Roberto, José de Pina, Diniz de Santiago, G. Moniz e de outros aguarellistas de Guimarães, cujo producto, cerca de 23.000 reis, reverteu tambem para o cofre da Associação dos Bombeiros.

O theatro apresentava um lindo aspecto, vendo-se nos camarotes, guarnecidos de ricas colchas de damasco, grande numero de damas e cavalheiros da nossa melhor sociedade. A plateia offercia identico aspecto na qualidade e numero das pessoas que alli se encontravam. Toda a elegante sala do nosso theatro estava repleta de espectadores.

A receita liquida do espectáculo foi de 100.000 reis aproximadamente.

Soirée

Logo que terminou o espectáculo, dirigiram-se, as distinctas damas e cavalheiros de Guimarães, para o Club Thyrsense, onde se encontraram com grande numero das melhores familias d'esta villa, principiando então a soirée que estava annunciada em honra das gentis damas vimaranenses.

Foi sem duvida das soirées mais animadas que se teem realzado nesta villa.

Sem um só momento de desanimação dançou-se até ás 7 horas da manhã, notando-se em todos os assistentes uma alegria communicativa e vibrante que fez com que todos sahisses d'essa festa cheios de saudosas recordações.

A certa altura o sr. José de Carvalho, a pedido, fez algumas emitações dos nossos actores mais celebres. Foram alguns momentos de singular agrado, por quanto o sr. José de Carvalho, numa demonstração de talento pouco vulgar, realizou algumas imitações, nomeadamente a de Ferreira da Silva e Augusto Rosa, com uma extraordinaria perfeição.

Foi muito applaudido o sympathico vimaranense, e porque tivessem agradado muito muito as suas imitações, viu-se na necessidade de as repetir algumas vezes.

A dança continuou, porém, com o maior *entrain*, depois d'estes momentos fugidios de prazer espiritual.

E só cerca das 7 horas da manhã, já o sol distendia no horizonte a sua juba d'oiro, é que as primeiras pessoas abandonaram a sala, e, passados momentos, as ultimas, — todas trazendo na recordação a saudade d'umas horas alegres que haviam decorrido, quasi imperceptiveis, porque sempre decorre sem sentir o tempo que a gente passa alegremente.

A soirée foi servida pela Confeitaria Oliveira, do Porto.

A parte musical estava confiada a um magnifico tercetto, que tocou com geral agrado.

Echos de Guimarães

Porque o quadro graphico do nosso jornal deseja tomar as orvalhadas livre de peias, sae o presente numero do nosso semanario com um dia de antecedencia.

Auctoridades locais

Ainda que a alguém custe acreditar, é sempre com pezar que atacamos as auctoridades pelo mau uso que fazem do poder.

Respeitadores do principio da auctoridade, base da ordem e da boa harmonia entre os cidadãos, é sempre com repugnancia que pomos em fóco os seus agentes para verberar a incorrecção do seu proceder official.

Ha dias escrevemos neste mesmo jornal um artigo sobre as excellencias do nosso povo.

Era um brado d'alma, um cantico de alegria, um hymno de gloria ao povo ordeiro, bom, pacifico e virtuoso, que é o povo portuguez.

E' por isso que, quando o vemos desmandar-se por culpa de quem o dirige, a nossa indignação contra quem falseia os seus deveres, é tão grande, como é grande o nosso enthusiasmo pelo bom povo, tão suggestionavel para o bem.

Vem isto a proposito dos casos que se veem dando em S. Torquato, onde o povo, capitaneado pelo regedor, aprendeu a apropriar-se do alheio.

Até aqui eram os assaltos *legaes* á propriedade em busca de pão; agora os assaltantes, á falta de pão, já se contentam com o que encontram.

Até aqui, abriam-se as portas dos celeiros á luz do dia em nome da lei, invocada pela auctoridade local; agora já se abrem as outras portas pela calada da noite, pela astucia ou pela violencia, e, se o regedor não é dirigente ou conivente nos assaltos, é em todo o caso cúmplice, pois fecha os olhos ao que não quer vêr, e deixa impunes os auctores das façanhas, que elle muito bem sabe quem são.

Ha dias assaltaram a casa do reverendo capellão de S. Torquato e levaram-lhe toda a carne que elle tinha na salgadeira, e, se elle não ficou desapossado do seu governo foi porque a sua boa sorte permittiu que alguém que passava, impedisse que os assaltantes levassem consigo os despojos da razia.

Em outro dia, uma mulher que levava á cabeça um sacco de pão, viu-se de repente aliviada do peso por um honrado ladrão, que em compensação lhe deu uma corôa. Isto, que é um caso extraordinario e que indica que o auctor da façanha, longe de ser um criminoso é um infeliz acossado pela necessidade, e homem de sã consciencia, é ao mesmo tempo um claro exemplo dos effeitos perniciosos da indisciplina, fomentada por quem tinha por obrigação manter a ordem.

E se este ultimo caso, não tem muitos similares, em compensação o primeiro é de uso quasi diario.

Não consta que o regedor tivesse dado d'elles participação para juizo; no entanto elle não os pode ignorar, como não ignora quem os pratica, pois que os principaes heroes d'estas façanhas, todo o mundo os aponta em S. Torquato.

Um d'elles até é soldado do 20, outro é um negociante de productos secundarios do vinho, outro... mas para que estar a citar ladrões, se o regedor o conhece, e se o sr. Administrador conhece o regedor?

Algumas pessoas, para quem a sua permanencia em S. Torquato parece uma coisa arriscada, nos veem pedir que chamemos para estes factos a attenção da auctoridade.

Ingenuas e timoratas creaturas! Ingenuas por pensarem que as auctoridades da ré publica foram creadas para a manutenção da ordem e defeza das vidas e haveres do cidadão; timoratas, porque não se decidem a fazer justiça por suas mãos.

As auctoridades da ré publica, não são para essas coisas.

Deem os queixosos um viva á Monarchia, trauteiem o hymno da Carta, digam que o sr. Bernardino está indevidamente exercendo um cargo, que a constituição da ré publica lhe não permite exercer, e verá como logo o sr. Administrador e mais o sr. presidente da commissão executiva da camara, se peneiram d'automovel por essa estrada fora a caminho de Braga a pedir ao governador civil, conselho e força, não vão perigar as instituições, não vão tremer nos alicerces, á sua querida ré publica.

Chamar a attenção das auctoridades! pedir providencias ás auctoridades! Para quê?

Poderia o sr. Administrador governar e governar-se, sem taes regedores? Poderia o sr. Governador agradar aos ministros com outros administradores? Poderiam os ministros agradar ao povo com outros governadores?

A quem pedir providencias? para quem apelar? Para o sr. presidente da ré publica?

Temos por acaso deante de nós o livro do sr. Machado Santos, aberto na pagina que ostenta uma photographia do sr. presidente da ré publica, no meio de um grupo de cigarreiras, com uma pendurada em cada braço.

S. Ex.^a está para mais, em tão selecta companhia, de chapéu, o seu relucente chapéu alto, respeitavelmente, na mão.

Vá lá pois quem quizer, pedir-lhe providencias. Nós não.

PIOS

Um pio... que parece

um ronco

O «Jornal de Noticias», do Porto, ha longos annos que insere diariamente umas chronicas de Paris firmadas pelas iniciaes do Sr. Xavier de Carvalho.

Nellas, dá este senhor largas á sua phantasia litteraria, ou á sua phantastica litteratura.

Pouco importa para o caso uma ou outra coisa; e não valeria a pena bulir com o homem, se elle não excedesse ás vezes, como no caso que vamos apresentar aos leitores, os limites do razoavel.

Diz o Sr. Xavier de Carvalho, depois de se derreter de goso, deante das aclamações que, um publico muito illustrado e escolhido, disparou aos grandes vultos da ré publica—Magalhães Lima, Affonso Costa, Augusto Soares e o mulato Chagas, (manifestação que elle proprio confessa ter promovido) que alguns monarchicos portuguezes se associaram a ella.

Estas palavras, cujo texto integral passamos a transcrever, não podem passar sem o nosso protesto.

Diz o Sr. Xavier:

O discurso de Magalhães Lima durou mais d'uma hora, entrecortado constantemente pelos bravos do publico. Teve um successo enorme o grande orador republicano.

Nota curiosa que devemos pôr bem em evidencia: na assistencia acharam-se mais de cem portuguezes uns vinte e tantos monarchicos que foram alli afirmar a «união sagrada», acclamando em Magalhães Lima toda a patria portugueza.

Foi o que nos disseram muitos monarchicos no fim da manifestação.

—Nesta hora dolorosa de perigo não pode nem deve haver senão portuguezes. E sobretudo no estrangeiro devemos afirmar, bem d'alto a união sagrada.

Honra a todos aquelles que esqueceram os atritos, as desilusões amargas, os agravos,— e que vieram hontem abraçar Magalhães Lima.

Não, Sr. Xavier, não, isto não pôde ser verdade. Nenhum mo-

narchico portuguez, que se preze, respira voluntariamente o mesmo de que respirar Magalhães Lima o pacifista guerreiro, Affonso Costa—o *verdugo da liberdade* em nome da Liberdade, e o mulato João, que tendo sido insultado impunemente em Paris, opde officialmente representava as instituições do seu paiz, não pode de forma alguma representar senão uma vergonha para esse paiz.

Não, Sr. Xavier, isso não pôde ser assim: ou o facto que V. S.^a relata é apenas um producto da sua phantasia, ou os individuos que se inculcaram monarchicos portuguezes, não passavam de vulgares aventureiros, despreziveis *formigões*, destacados adrede, para realçarem a gloria d'esses outros aventureiros que, a caminho de Londres (a preparar sabe Deus que novas vergonhas, que trabalhos, que humilhações) ahí pararam, em Paris, em cata de celebridade, ou para nos comprometterem em alguma nova e escura intriga. Não, Sr. Xavier, essas palavras não podem ser de monarchicos.

Os monarchicos portuguezes actuaes, não são os antigos monarchicos, republicanos no fundo, transigindo com a corôa real á sombra da qual medravam; os actuaes monarchicos, partido formado por todos os portuguezes verdadeiramente patriotas que, sem responsabilidades no passado, veem na restauração da Monarchia a restauração da Patria, não podiam acclamar em Magalhães Lima toda a Patria Portuguesa, por que elles sabem muito bem que Magalhães Lima, só pôde representar a maçonaria em nome de quem falla, e, quando muito, a ré publica, por causa de quem se agita.

Não, Sr. Xavier, os monarchicos portuguezes não iam assistir á consagração do Sr. Magalhães Lima. Tambem não iam com a sua presença legitimar as funcções que o Sr. Chagas exerce em França, nem o Sr. Costa em Portugal.

Não, os monarchicos portuguezes não iam prestar uma homenagem de admiração e respeito aos seus mais cruéis e implacaveis inimigos, porque os monarchicos portuguezes consubstanciavam no seu partidario o seu patriotismo, e aquelles vultos da ré publica que ahí estavam a receber a homenagem de que o Sr. foi o empregario, são a negação do proprio patriotismo.

Não, senhor Xavier; vossa senhoria tem toda a liberdade de contar todas as patranhas que bem lhe aprouver, aos leitores ingenuos da parda gazeta que lh'os admittie; mas o que não tem, o que nós energica e cathegoricamente lhe contestamos, é o direito de nos calumniar a nós outros, os monarchicos.

Insense á sua vontade os idolos do seu fanatismo, alimente tanto quanto possa, o seu extravagante snobismo, mas á sua custa: á nossa não! E' forte de mais!

Ande, Sr. Xavier, deite para cá os nomes d'esses monarchicos, que acclamaram em Magalhães Lima toda a Patria portugueza, e que assim affirmavam bem alto a união sagrada.

Ande, queremos saber quem são esses monarchicos, ainda que não seja senão para que elles nos digam onde é que viram a tal união.

Ande, diga os nomes.

Theophilo conferente, phylosopho e profeta

Lêmos no «Seculo» da passada segunda feira, a proposito de uma conferencia não sabemos já onde:

O orador mostra como a raça teutonica sempre procurou entrar o progresso da civilisação e da liberdade, ajudada pela igreja catholica, que sempre foi a inimiga fidal da razão e da sciencia. As ideias revolucionarias, porém, acabaram por

se expandir pela Europa; o espirito de liberdade ganhou fortes raizes em toda a parte, e a lucta travou-se, está travada sanguinolentamente e terminará pela derrota definitiva da barbarie germano-reacionaria.

A Alemanha, tomando para seu uso a Biblia, julgou-se o povo de Israel, o povo de Deus, e á sombra d'esse Deus, que só a ella dedica especial predilecção, pratica todas as infamias, matta, deshonra, suborna e rouba; rouba terrenos e tesouros como rouba inventos que depois chama seus.

E' preciso que a paz seja o aniquilamento completo da Alemanha, não se pede a morte d'esse povo, exige-se que elle entre na ordem. O ideal seria banir das sociedades os monarchas e os deuses, mas elles felizmente, vão caindo a cada nova convulsão. O conflicto actual é uma lição que todos devemos aproveitar. Caminhámos para a perfeição, os barbaros ficaram irremediavelmente para traz.

Uma calorosa salva de palmas rematou a bela oração, de que não damos aqui sequer uma palida ideia, tão grande e tão cheia de brilho ella foi.

O «Seculo» diz que o grande homem está cada vez mais intelligente e mais lucido!

Tem graça! nós, depois de lermos isto, ficamos a pensar que o grande sabio, que Camillo tanto celebrisou, vinha de jantar com o maior orador da raça latina e simultaneamente grande sacerdote de Bacho, o illustre e nunca assás louvado Alexandre Braga. E d'ali, quem sabe? pode ser que o *Doutor Julio de Mattos* não lhe tivesse permitido essa extravagancia.....

Mayonaise anafomica

(que parece do nosso saudoso amigo A. I.)

Lê-se no mesmo «Seculo» (que parece que anda a habilitar-se a um concurso de frade bernardo:)

Figados "boches,"

MADRID, 18.—Alguns jornaes alemães, falando de «lord» Kitchener, dizem que sentem uma daninha satisfação com a perda do perigoso agitador da guerra.—S.

O' homem de Deus! então os figados são boches? Lá que o nosso saudoso amigo Antonio Infante, na força do seu entusiasmo, tivesse encaixado os figados de Julio de Campos no proprio coração, d'elle, vá com os diabos: era uma maneira elegante de manifestar a sua indignação. Mas o que elle nunca faria seria chamar boches aos figados; isso é que não. Ou bem uma coisa, ou bem a outra. Nem tambem iria escamar-se, nem chamar coisas aos alemães, por elles estimarem que Lord Kitchener perneasse. Deviam talvez de ficarem com muita pena.

Ora o Lopes!

A' CAMARA

Providencias

Na hora em que escrevemos, não sabemos ainda se a camara tomou já alguma resolução sobre o caminho da Ribeira, em S. Martinho de Sande. Por isso continuaremos fazendo as nossas considerações na esperança de que a demora dará ansa a que se conheça melhor de que lado está a razão e a justiça.

E é isto o que nós desejamos sinceramente, posto que em nosso humilde entender não apercebamos motivos razoaveis d'um tão dilatado protrahimento. No entanto com uma larga paciencia vamos asserenando os nervos e cohibindo o assomo de irritações perturbadoras, para que se não diga que entramos nesta questão com designios indecorosos. O nosso empenho não pode ser mais sympathico: procuramos defender com todas as forças de que somos

capaz, o direito legitimo e incontestavel d'uma freguezia inteira contra a cobiça deslustradora d'um proprietario sem escrupulos.

Eis-aqui o nosso grande crime, que todavia não nos impede de apparecer de cara descoberta onde quer que seja. E enquanto esperamos que a camara se habilite a pronunciar o seu veredicto que, desde já lho asseguramos, não será sem appellação, se não fôr justo, chamamos a sua attenção para as honrosas ausencias que lhe estão fazendo os amigos, acolitos e apadrinhadores do proprietario da Ribeira.

Dizem e espalham por toda a parte, que este ha de vencer, não porque estejam convencidos de que são justas as suas pretensões, mas porque se gloriam dos seus altos prestigios e das suas poderosas influencias para com os vereadores. A camara ha de decidir a favor do proprietario, porque elles se julgam com a força bastante para a mover nesse sentido. Deixam perceber que os vereadores são nas mãos d'elles como uns titeres que ora se apuram, ora se encurvam, ora esquerdeiam, ora se endireitam, conforme a vontade de quem lhes puxa pelos cordelinhos. Ostentando-se muito influentes e poderosos, deixam em quem os ouve, a desagradavel impressão de que a camara é flexuosa, malleavel, acomodaticia, susceptivel do mais indigno favoritismo. A elles pouco ou nada se lhes dá que o proprietario da Ribeira pretenda uma coisa illegal, injusta e até deshonrosa para um homem de bem; o que elles querem mostrar é que tem uma alta consideração deante da camara e que esta lhes faz tudo o que elles querem.

A camara está-lhes na mão, é d'elles; é um manequim que move como bem lhes apraz. Falam e procedem como quem não admite que a vereação possa ter uma opinião propria, algum affecto á justiça e ao bem publico.

A camara está alli para os attender, para os favorecer, para contemporizar com todos os seus caprichos, por mais disparatados ou injustos que sejam. São d'esta estofa os amigos do proprietario da Ribeira e que, como se vê, fazem da camara um alto conceito de moralidade.

Estão os vereadores dispostos a confirmar este deshonroso conceito, obtemperando ás importunas solicitações de amigos tão equivocos?

Estamos de observação a ver o rumo que as coisas seguem. Se a camara fôr justa nas suas deliberações, deporemos a penna e nem mais uma palavra diremos sobre esta questão, posto que muito tivesseamos que dizer sobre o que já se tem passado e que não é muito lisonjeiro para os nossos edis nem para o proprietario da Ribeira; mas, se o não fôr, então diremos tudo, seja contra quem fôr.

Um cidadão clementino.

SECÇÃO AGRICOLA

Catecismo Agrícola

(Continuação)

Defesa da lavoura

O lavrador necessita urgentemente preparar-se para a sua defesa e, esta, nunca poderá ser effectuada ou, pelo menos, de resultados praticos, se não seguir o principio associativo regional.

Em agricultura, o principio associativo que mais depressa e melhor pode levar o proprietario agricola a obter resultados praticos, é o da constituição dos chamados *syndicatos agricolas*.

A defesa do lavrador tornou-se indispensavel e urge a sua effectivação.

Em geral, os poderes publicos, os governos, no nosso paiz, só vêm uma forma de administração—contribuir e difficultar a agricultura. O lavrador do Sul já se

sabe defender valorosamente das argucias dos governos e, portanto, já colhe optimos fructos da sua actividade, se não intelligente, pelo menos instruida; e o lavrador, já hoje, não pode dispensar uma instrucção especial que os poderes publicos lhe não dão porque desconhecem o seu alcance.

O lavrador precisa instruir-se para saber produzir mais e melhor e, tambem, para se defender dos que o exploram e enganam abusando da sua situação e ignorancia.

Constituam-se os syndicatos agricolas regionaes e, quando tivermos uma d'essas aggremações em cada concelho, dos mais importantes do paiz, mas com uma organização intelligente e austera, o paiz terá menos doutores, mas terá lavradores dignos d'este honroso titulo e terá, finalmente, pão bastante para que em todas as casas não hajam ralhos, mas só motivos de satisfação e alegria.

Mas, então—desejará saber o nosso lavrador—quaes as venturas e felicidades que podem resultar da constituição dos syndicatos agricolas regionaes?...

Segundo a carta de lei de 3 d'abril de 1896, ainda do tempo da Monarchia, que organisou as bases dos syndicatos agricolas em Portugal, o seu objectivo principal é:—«estudar, defender e promover tudo quanto importa aos interesses agricolas geraes e particulares dos seus associados». E', pois, o syndicato uma associação permittida por uma carta de lei, ainda não revogada, que tem por fim:—

—Estudar os meios e processos a empregar para o desenvolvimento agricola, principalmente no que se refere ao dos seus associados.

—Defender como corpo colectivo e, portanto, como uma força a considerar, os interesses geraes da agricultura e, particularmente, os que dizem respeito aos dos seus associados.

—Promover tudo quanto em suas forças caiba para o desenvolvimento agricola da região, administrando aos seus socios, conhecimentos especiaes agricolas que mais importem a essa região em que exercem a sua actividade agricola.

A cooperativa agricola é o estabelecimento anexo a essa associação chamada syndicato agricola do concelho de... e constituida por todos os proprietarios agricolas do concelho que queiram gosar dos beneficios que a mesma associação se propõe prestar.

A cooperativa encarrega-se de fornecer a todos os seus associados, com uma percentagem minima sobre o preço da compra, os generos indispensaveis ao cultivo:—sementes escolhidas, adubos garantidos, alfaias agricolas e todos os materiaes empregados no tratamento das diversas plantas que são atacadas por doenças.

Promoverá a venda dos vinhos, fructos e sementes produzidas pelos seus associados, garantindo, assim, por meio d'uma rigorosa fiscalisação, a pureza de todos os productos de cuja venda se encarrega.

D'um modo geral: os syndicatos agricolas concelhios constituirão, além do commercio agricola, uma verdadeira escola pratica e theorica, de onde sairão, mais completamente instruidos, os lavradores de amanhã, os lavradores que hão de fazer a riqueza d'este paiz e a felicidade do nosso povo.

O nosso lavrador precisa de conhecimentos geraes de economia, o que não quer dizer miseria nem usura: precisa conhecer as suas terras e quaes os fructos para que ellas estejam mais adequadas: não pode dispensar uns conhecimentos geraes de pecuaria e de agronomia e, tudo isso, pode e deve resultar das associações agricolas regionaes ou, para bem, concelhias—syndicatos agricolas. Continua.

NOTICIARIO

Dr. Rocha dos Santos

Em serviço forense partiu para a Beira Baixa o nosso antigo director sr. Dr. João Rocha dos Santos.

Sua Ex.^a regressa a esta cidade na proxima quinta feira á noite.

Pimenta da Gama

Em 23 de junho de ha dois annos, cobriam-se de lucto os «Echos de Guimarães» e saudosamente choravam a perda do seu dedicadissimo amigo e correligionario capitão Pimenta da Gama.

Já lá vão dois annos após a sua morte, e a sua memoria, cada vez mais viva entre nós, obriga-nos, como descargo de consciencia, a inserirmos de novo nestas columnas o que ácerca do seu passamento no nosso numero 17 dissemos então.

Curvando-nos respeitosaes ante a sua memoria, apontamos o seu nome como um dos mais leaes e mais honestos de Portugal.

Causou-nos dolorosissima magua o fallecimento do nosso querido amigo Capitão Pimenta da Gama, brioso e honradissimo official de cavalaria.

Se é sempre doloroso registrar o fallecimento de um amigo, mais doloroso se nos torna hoje, visto que Pimenta da Gama era a personificação da honra, quer seja encarado pelo seu aspecto official, quer particular.

Alliava o illustre extincto ás melhores qualidades de caracter e de intelligencia, a mais irreprehenivel conducta de homem de bem, que o era como os que mais o são.

Nosso conhecido ha pouco mais de um anno, fomos-lhe apresentado, por um distincto official, quando conjuntamente soffriam ambos as durezas de um carcere, que para ali se inventou para flagello dos que commettiam o horroroso crime de não gostarem d'isto.

E Pimenta da Gama, já esteve nove mezes, soffrendo a carceração, o que mais fazia realçar ainda a sua individualidade prestigiosa e honradissima.

Uma vez liberto, encontramos muitas e muitas vezes, e de todas ellas, Pimenta da Gama, nunca teve palavras de odio para os seus perseguidores, tributando-lhes apenas o desprezo, esse desprezo que todos os homens da inteireza do seu character, votam aos nossos algozes d'este regimen salvador!

Mas... adeante!

A morte roubou-nos um amigo querido, mas o que não apagará nunca é a saudade sentidissima com que nos curvamos ante o fetro do mallogrado official, honra do exercito e honra da farda que enverguo durante muitos annos, e que servindo-lhe agora de mortalha, agasalhou por final uma das maiores individualidades do exercito e um dos soldados que nunca a ennodouo.

A sua esposa, a ex.^{ma} sr. D. Maria da Natividade Pereira Cyrne Pimenta da Gama, envia o *Echos de Guimarães* a expressão mais sentida de seu pesar, e aos seus leitores pede uma prece por alma do saudosissimo finado.

Descance em Paz.

Romaria de S. Torquato

E' no primeiro domingo do proximo mez de julho, que neste pittoresco e aprazivel local se realisa a chamada Romaria Grande de S. Torquato, promettendo, este anno, o programma muitos attractivos.

Recebemos e penhorados agradecemos o cartaz annunciador das brilhantes festas que acima anunciamos.

E' um trabalho mimoso, que muito honra dá ao seu auctor e á lithographia onde foi impresso.

«A Ordem»

Assumiu a direcção d'este nosso presado collega da capital o distincto engenheiro e laureado jornalista catholico sr. Conselheiro Fernando de Sousa (Nemo).

Cumprimentando o illustre jornalista, que sem duvida é uma gloria do jornalismo portuguez, fazemos votos pelas prosperidades do diario catholico da capital, com o qual temos sempre mantido as melhores relações e que agora mais desejos temos que continuem.

Recebemos os cumprimentos de despedida dos actores snrs. José Malta e Aliredo Pereira, que nos pediram para fazer publico o seu reconhecimento para com todos os vimaranenses que tão benevola e carinhosamente os receberam e lhes dispensaram o seu amavel acolhimento.

De todos, finalmente, se despedem com saudade.

Jantar na Penha

Brevemente se realisa na formosa estancia da Penha, o jantar annual, promovido pelo Club dos Caçadores e Atiradores Civis d'esta cidade.

Festa artistica

Na segunda-feira ultima, em festa artistica do nosso sympathico amigo e intelligente collega sr. Luiz Teixeira Jacintho, realisou-se no theatro D. Affonso Henriques, um atrahente espectáculo, que chamou alli grande concorrência.

O sr. Teixeira Jacintho foi muito cumprimentado, tendo recebido applausos o seu trabalho.

S. João

Hontem e hoje tem sido festejado nesta cidade o milagroso e popular S. João.

Diversas ruas ostentam artisticas cascatas, que são muito visitadas.

Em algumas d'ellas, bandas de musica executam os melhores numeros dos seus repertorios.

ARRENDAR-SE

A grande casa da Quinta das Lameiras, propria para Collegio ou grande familia. Tem capella, cocheira, cavalaria, agua de poço e de mina, installação electrica, grandes lojas para arrumos, quintaes, etc., etc.

Aluga-se do S. Miguel em deante, ou mesmo em antes, se assim convier. Pode ver-se aos domingos, das 2 horas ás 4 da tarde.

VENDE-SE

O Palaceté Minotes, sito no Largo das Lamellas, onde está funcionando o Collegio do sr. Padre José Maria da Silva.

Para tratar com o sr. João Alves Pimenta, solicitador, na Praça de S. Thiago, d'esta cidade.

Egua perdida

Appareceu uma, ha dias, na freguezia de Vila Nova de Sande.

Entrega-se a quem provar que lhe pertence, pagando as despezas que se têm feito, e as d'este annuncio.

Para a esclarecimentos dirigir á administração d'este jornal, rua de Paio Galvão, 70.

3.000\$000 REIS

Dão-se a juros, sobre hypoteca.

Para esclarecimentos, fallar com o proprietario da Typographia Minerva Vimaranesense, Rua de Paio Galvão, 70.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa à
Papellaria e Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o:

Em brochura... 50 réis
Cartonado... 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o:

Em brochura... 50 réis
Cartonado... 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o:

Em brochura... 100 réis
Cartonado... 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides à Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:

Avulso, franco de porte... 30 réis

Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço... 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares... 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros committidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A venda na Papellaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

"Portugal Filatelico"

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 réis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «especimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

Mercearia e Confeitaria Andrade

32, Largo da Oliveira, 33
Guimarães

Virgilio Vieira d'Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguezes habituaes da casa, que acaba de tomar de trespasse a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.^a qualidade, e de confeitaria, como: sonhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a maxima perfeição e acceio.

Vinho tinto delicioso; cervejas e gasosas. Apetitosos petiscos; excellente queijo da Serra e flamengo.

Travessa do Monte Pio, á Senhora da Guia.

Preços rasoaveis.

NOVA OFFICINA DE LATOARIA E FUNDIÇÃO DE METAES

—DE—

MANUEL LOBO

122, Rua D. João I, 124
GUIMARÃES

Encarregam-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra

Executam trabalhos em metal, taes como:

Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes.

Garante-se a solidez e perfeição.

Fabricação de alambiques e aparelhos em todos os systemas

Compram e vendem metaes velhos de todas as qualidades

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portugueza
- A hypothese do Homo Europaeus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 240 paginas em bom papel, grande formato, 600 réis

Accresce o porte do correio, 50 réis

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pagas, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL

LARGO DE CAMÕES, 11
LISBOA

NESTA CIDADE — O consocio Antonio Luiz da Silva Dantas.

Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infalível contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a fórmula da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a fórmula da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fórmula do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I

A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II

Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III

O achatamento terrestre

O problema do achatamento por posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV

A fórmula da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Effeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geoido.

V

Theoria tetraedrica da fórmula Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tres mores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Estados U. do Brazil (anno)	2\$000 "
Paizes da União Postal	2\$500 "
Numero avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesense R. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 13

Ex.^{mo} Snr.